

Recordando o Professor José Sebastião e Silva

Luís Santos Pereira

Professor Catedrático Jubilado do ISA

Quando entrei no ISA em 1959, uma surpresa foi encontrar como Professor de Matemáticas Gerais o autor dos livros que me tinham proporcionado a educação em Matemática no curso dos liceus, o “Compêndio de Álgebra” e a “Geometria Analítica Plana”. Só mais tarde descobri o rigor da escrita, da formulação, da explicação.

As aulas decorriam no anfiteatro da Química, com o professor Sebastião e Silva, sempre ou quase sempre de fato azul escuro, camisa branca e gravata às bolinhas, separado dos alunos por uma enorme mesa de tampo preto. Escrevia no quadro, bem maior do que os de hoje, metodicamente, começando à esquerda e acabando a aula do lado direito em baixo, sem nunca ter que apagar alguma coisa. Entre nós, admirávamo-nos da forma pensada e rigorosa de ir escrevendo e da forma calma e precisa de ir explicando. Não havia lugar para dúvidas: nem nós as criávamos nem ele as sugeria. Quase todos os dias se cruzava connosco, vindo ou indo para o autocarro 22, na Luís de Camões. Mas nunca passávamos do bom dia ou boa tarde. Era assim.

Havia uma “sebenta”: “Matemáticas Gerais segundo as lições do Professor Doutor Sebastião e Silva”, coligidas por E. Cortesão. Era ciclostilada, a impressão era pobre e a encadernação pior ainda. Mas chegou legível e com as páginas todas ao dia de hoje porque aquela por onde estudei passei-a a outros e tive que comprar a última edição, já de 1960. Não percebo muito bem como é que E. Cortesão, que nunca conheci, conseguiu fazer uma sebenta com o rigor de linguagem própria do Prof. Sebastião e Silva. Ao longo de todo o texto ocorrem definições e explicações de conceitos sempre em bom português e sempre claros e precisos.

Nesse tempo as cadeiras eram anuais e havia “frequências”. Tinha que se obter média de 10 para ir a exame mas podíamos dispensar do exame final se conseguíssemos um 14. No entanto, tínhamos que fazer exame de dispensa sobre a matéria dada depois da segunda frequência. Era um regime bem mais duro do que o de hoje e mais de metade dos alunos não conseguia passar a Matemática Gerais e, como havia um regime de precedências, não transitava para o segundo ano. Raro era aquele, porém, que se desculpava do insucesso com o Prof. Sebastião e Silva e o insultava à boca pequena. Havia, mesmo da parte dos que mais dificuldades tinham, uma noção clara da qualidade das aulas, do rigor de exposição, da linguagem precisa e calma, que nos fazia reconhecer nele um homem de qualidade, de excepção.

Fui à primeira chamada da primeira frequência. Fomos poucos. A tática era a de abordar logo no início a cadeira mais difícil e depois ir ajustando as datas das outras cadeiras. Ficar para o fim com a cadeira mais difícil retirava “graus de liberdade” às outras escolhas. Consegui uma nota quase excelente, dez. Já só precisava de nove na segunda frequência! Não sei se

alguém chegou então ao catorze. Veio a segunda frequência; mesma tática. Saem as notas e, na rua, encontro dois ou três colegas que me surpreendem: tiveste dezassete! Fui ver a pauta, não acreditava! E lá fomos festejar com um tinto no Caetano. Houve, se bem me lembro, quatro dispensas de exame final e lá nos juntávamos para preparar o exame de dispensa: o Manuel Figueiredo, o João Pontes, o Costa Duarte e eu. Tínhamos que fazer boa figura, não bastava “passar”. Estudámos e divertimo-nos, sobretudo porque o João Pontes ia sempre engatilhando uma piada, mesmo a propósito de cónicas e quádricas. E com sucesso no exame, todos com catorze, lá nos despedimos do Prof. Sebastião e Silva que entretanto conseguira uma cátedra na Faculdade de Ciências.

Deixou de nos dar as aulas mas a “sebenta” de Cálculo Diferencial, Infinitesimal e das Probabilidades era dele. Mas as aulas do Prof. Renato Pereira Coelho fizeram-nos ter saudades do Prof. Sebastião e Silva. A história da nota de segunda frequência marcou-me para o resto da vida. Por um lado, aperceber-me de que um professor foi capaz de aceitar o salto de 10 para 17 foi experiência única: O Prof. Sebastião e Silva acreditou que este estudante anónimo não copiou, fez por si, era capaz. Assim, percebi que houve alguém que acreditou em mim, o que foi essencial para eu próprio acreditar em mim. E de cada vez que, como professor, via um exame e o classificava, pensando na urgência de ser verdadeiro lá ia pensando no Prof. Sebastião e Silva: se ele fora justo para mim eu não poderia ser injusto para com outros. Terei sido justo?

Olhando para essa distante cadeira de Matemáticas Gerais de 1959-60, vejo que aprendi alguma coisa. Parte foi usada nos ensinos de teoria dos

erros, em Topografia, que fui continuando a aplicar nos trabalhos de campo em rega e na avaliação de resultados de modelação. Outra parte foi usada nos ensinamentos de Mecânica Racional, Hidráulica e Reologia, naturalmente também com aplicações. Outra parte, ainda, serviu-me ao doutoramento, à resolução dos sistemas de equações não lineares. Serviu-me, não porque ficasse com a memória desses ensinamentos mas porque o Prof. Sebastião e Silva nos propôs confiança para agarrar os desafios da Matemática. E fico a pensar, será que nos meus ensinamentos fui capaz de inculcar confiança? Às vezes parece-me que sim e lembro esse bom professor que agora, postumamente, festejamos.